

A difícil saga em busca do look perfeito

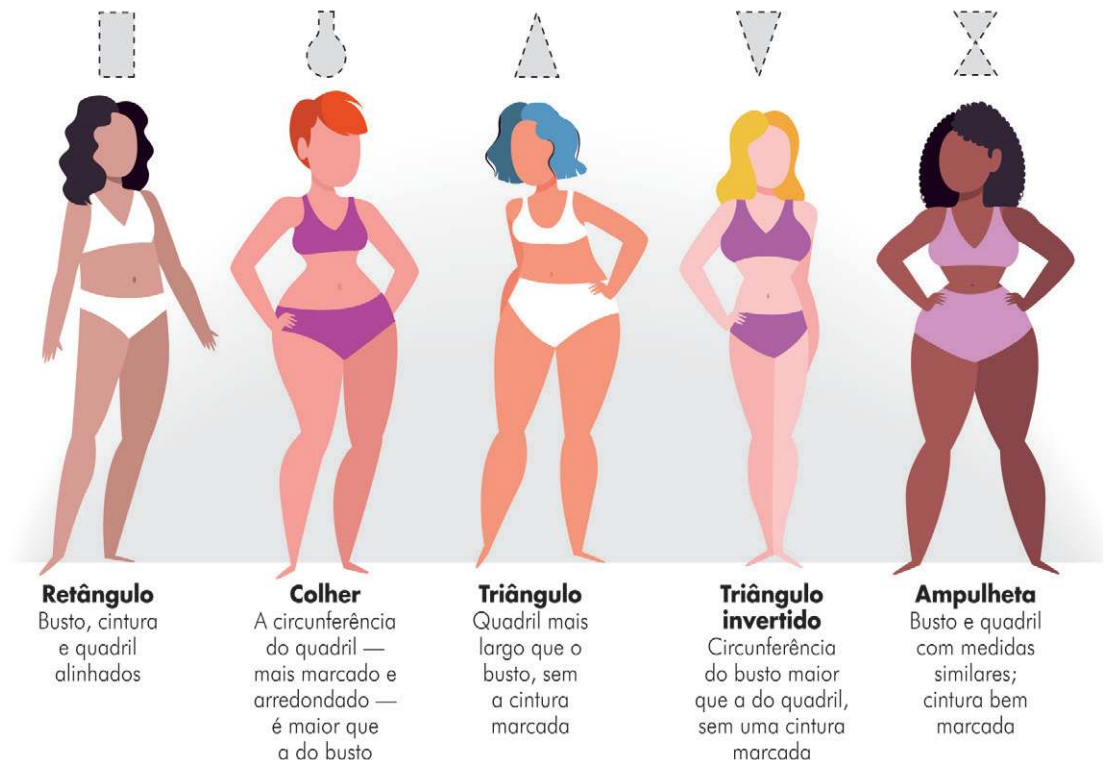
Ora apertadas, ora folgadas. O desafio em encontrar roupas que sirvam satisfatoriamente ao corpo da brasileira reacende o debate sobre a falta de padronização do vestuário feminino

POR LETÍCIA MOUHAMAD*

Escolher a peça que parece ideal. Experimentar. Tentar ajustá-la ao corpo. Trocar a numeração. Sentir desconforto. Desistir. As experiências em provadores de roupas podem ser animadoras para umas, mas também bastante frustrantes para outras, em especial para mulheres com menor estatura e corpos mais curvilíneos, assim como para o público plus size.

Muitas vezes, não há uma numeração de vestimenta que seja padrão — “visto M” ou “opto por peças de tamanho 40”? —, dado que as modelagens podem variar conforme o tecido e a fôrma

BIOTIPOS DA MULHER BRASILEIRA



Os tipos retângulo e colher representam 80% da população feminina no Brasil, conforme estudos conduzidos pelo Comitê Brasileiro de Têxteis e do Vestuário da ABNT e representantes do setor — entre eles, o Senai CETIQT, estilistas, entidades com a Associação Brasileira do Plus Size (ABPS) e redes varejistas.

Valdo Virgo/CB/D.A Press

de referência. Pensando nessas dificuldades, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) publicou, em dezembro do ano passado, a Norma NBR 16933, que apresenta novas diretrizes para os tamanhos de roupas femininas no Brasil.

A fim de adequar-se aos biotipos mais comuns das brasileiras, o Comitê Brasileiro de Têxteis e do Vestuário da ABNT e representantes do setor (Senai CETIQT, estilistas, entidades, como a Associação Brasileira do Plus Size, e redes varejistas) conduziram um estudo que identificou como tipos corporais mais usuais o “retângulo”, no qual busto, cintura e quadril estão alinhados, e o “colher”, em que o quadril, mais marcado e arredondado, é maior que o busto (**veja quadro**).

Na prática, o que muda? Em vez de a classificação das peças se basear em letras e números, o método agora adotado, conhecido como centimetragem, apresenta às consumidoras as dimensões para cada biotipo, considerando o perímetro da cabeça, do pescoço, dos ombros, do busto, da cintura, do quadril, das costas, da coxa, do joelho e da panturrilha até o tornozelo. Trata-se de um recurso já utilizado em outros países, como os Estados Unidos.

A professora de design de moda Raífella Lacerda lembra, entretanto, que as marcas não são obrigadas a seguirem essas normas, o que não garante que a padronização seja generalizada. “A minha sugestão é que as lojas fiquem atentas e sigam a padronização da ABNT como referência, chegando a um ponto comum e considerando o que dá certo na própria empresa. Existem marcas que desenvolvem produtos com foco no usuário, e a padronização para elas pode ser um tiro no pé”, pondera.

Enquanto a mudança não acontece...

Para a dentista Fernanda Moraes, 26 anos, a dificuldade em encontrar roupas que se adaptem ao seu corpo é frequente. Com as calças jeans, o problema está na medida da cintura, que fica folgada, enquanto no quadril serve perfeitamente. E, mesmo trocando de numeração, o transtorno permanece. Já nas blusas, o incômodo está no aperto das mangas que, mesmo em tamanhos diferentes, mantêm-se justas. Por isso, não define um número